

O REFERENCIAL TEÓRICO MOBILIZADO POR CHRISTIAN DELACROIX, FRANÇOIS DOSSE E PATRICK GARCIA PARA A HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA

Rodrigo Bianchini Cracco¹

cracco2011@gmail.com

UFMG

Resumo:

O presente artigo aborda as contribuições recentes (1999-2010) de publicações coletivas organizadas por Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia acerca de questões historiográficas. Os objetivos propostos são o de apresentar as particularidades destas obras no contexto da história da historiografia francesa contemporânea e, sobretudo, evidenciar o referencial teórico mobilizado por estes historiadores. Poder-se-á notar que a base teórica comum às obras organizadas por Delacroix, Dosse e Garcia é constituída pelo amálgama dos procedimentos de: 1) operação historiográfica, 2) da abordagem a partir do pluralismo interpretativo da hermenêutica ricoueriana e, 3) do conceito de regimes de historicidade. Propomos que este amálgama constitui uma matriz teórica na forma de modelo para a história da historiografia. Esta é a principal contribuição das publicações em questão.

Palavras-chave: História da historiografia. Teoria da história. Operação historiográfica. Hermenêutica. Regimes de historicidade.

Abstract:

This article discusses the recent contributions (1999-2010) of collective publications organized by Christian Delacroix, François Dosse and Patrick Garcia concerning historiographical issues. The proposed objectives are to present the particularities of these works in the context of contemporary French historiography and mainly highlighting the theoretical references considered by these historians. One can note that the theoretical basis common to the works organized by Delacroix, Dosse and Garcia is constituted by the procedures merge of: 1) historiographical operation procedures, 2) the approach from Ricoeur's interpretive pluralism 3) the concept of regimes of historicity. We propose that this amalgam is a theoretical matrix in the form model for the history of historiography. This is the main contribution of these publications.

¹ Doutorando. Bolsista CAPES. Sob a orientação do professor doutor José Carlos Reis.

Keywords: History of historiography. Theory of history. Historiographical operation. Hermeneutics. Regimes of historicity.

François Dosse, Christian Delacroix e Patrick Garcia constituem hoje, no contexto da historiografia francesa, um novo grupo de pesquisadores ligado por um tema comum, qual seja, a história da historiografia. Entre 1999 e 2010 estes autores publicaram sete volumes de organização coletiva sobre o tema (em dois destes projetos com um quarto organizador)². Para além destas obras de autoria coletiva, estes autores também têm publicado trabalhos isolados, a maioria deles sobre questões teóricas. Eles não são, contudo, exclusividades no contexto da historiografia francesa atual: os debates sobre teoria, epistemologia, historiografia e método têm ganhado muito espaço, principalmente ao longo dos últimos vinte anos. Outros pesquisadores como François Hartog, Roger Chartier, Jacques Revel, Gerard Noiriel, Krzysztof Pomian e um número progressivamente crescente de historiadores³ participa também deste movimento reflexivo da história mas, em geral, por meio de iniciativas individuais que dialogam umas com as outras na mesma medida em que mantêm uma surdez recíproca.

Neste contexto, qual é a colaboração de Delacroix, Dosse e Garcia para o debate, tal como se coloca nos últimos anos, e o que os difere de outras iniciativas de mesma ordem? A este questionamento que conduz o presente trabalho podemos previamente afirmar que é justamente o referencial teórico mobilizado

² As obras em questão são: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Les courants historiques en France: XIXe-XXe siècle*. Paris: Armand Colin, 1999; ; DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; TREBITSCH, Michel. *Michel de Certeau: Les chemins d'histoire*. Bruxelles : Éditions Complexe, 2002.; DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Histoire et historiens en France depuis 1945*. Paris : Adpf/Ministère des Affaires étrangères, 2003.; DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Paul Ricoeur et les sciences humaines*. Paris : Éditions La Découverte, 2007.; DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Historicités*. Paris : Éditions La Découverte, 2009.; DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas. *Historiographies: concepts et débats I*. Paris : Gallimard, 2010.; DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas. *Historiographies: concepts et débats II*. Paris : Gallimard, 2010.

³ Para uma lista mais abrangente de autores desse grupo, a partir do anos 1980, ainda que esta também não pretenda ser exaustiva, ver (DELACROIX, DOSSE, GARCIA, 2003, p. 190).

pelos autores a marca distintiva de suas contribuições. Dividimos a tarefa em duas etapas: na primeira, buscaremos caracterizar as obras, destacar pontos relevantes destas e relaciona-las com outras publicações similares, na segunda etapa vamos nos focar nos aspectos propriamente teóricos.

Dos três autores no centro de nosso debate, François Dosse é o que alcançou notoriedade há mais tempo entre os historiadores. Sua tese *A História em Migalhas* (defendida em 1983, publicada em 1987) ficou bastante conhecida pela leitura inovadora do movimento dos *Annales* e, principalmente, pela ênfase crítica, em algumas passagens até mesmo agressiva, da terceira parte do livro. Ainda que posteriormente tenha relativizado seus posicionamentos quanto aos *Annales*, esta ainda é a obra pela qual Dosse é, em geral, reconhecido. Contudo, o foco do presente trabalho são as obras coletivas e os pontos de convergência entre autores, apesar da diferenciada popularidade de François Dosse.

A produção dos três autores em questão se aproxima muito em termos de temáticas, apesar de lecionarem em diferentes universidades. François Dosse é professor na universidade Paris XII, pesquisador associado permanente do *Institut d'histoire du temps présent* (IHTP) e do Centro Cultural das Sociedade Contemporâneas da universidade de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines. Dedicou a maior parte de seu trabalho aos estudos de historiografia e história intelectual. Christian Delacroix é professor da universidade Paris-Est Marne-la-Vallée e pesquisador associado do IHTP. Sua obra concentra-se em debates epistemológicos e história da historiografia, além de publicar também sobre história contemporânea da França. Patrick Garcia é professor da universidade de Cergy-Pontoise e pesquisador associado permanente do IHTP. Diferindo um pouco de Dosse e Delacroix, Garcia destina parte de suas publicações ao ensino de história na França e à historiografia.

Apesar da vinculação institucional diversa, os autores no centro de nosso debate coordenam conjuntamente um seminário sobre historiografia e epistemologia no IHTP. Este seminário é atualmente intitulado *Figures*

contemporaines de l'épistémologie de l'histoire e faz parte de um projeto maior de pesquisas sobre o tema, que inclui em seu quadro permanente historiadores franceses em sua maioria, pesquisadores italianos e alemães, além de convidados de várias outras nacionalidades. A maior parte das publicações, em forma de artigos, originadas dos debates do seminário estão disponíveis para consulta *on line*. Já as publicações em forma de livros estão referenciadas. Nas apresentações de algumas destas obras há referência direta ao seminário citado, em outras não; mas todas estão, de forma explícita ou latente, congregadas pela convivência e objetos de pesquisa em comum dos autores.

A história da historiografia francesa contemporânea e a inserção das obras de Delacroix, Dosse e Garcia

Se as obras em questão⁴ têm em comum os mesmos autores/organizadores e a mesma temática central, elas diferem fundamentalmente quanto à apresentação e ao *tipo*, se assim o podemos chamar. Horst Walter Blanke divide a história da historiografia em dez diferentes tipos: História dos historiadores, História das obras, Balanço geral, História da disciplina, História dos métodos, História das ideias históricas, História dos problemas, História das funções do pensamento histórico, História social dos historiadores, e História da historiografia teoricamente orientada (BLANKE, 2006). Buscaremos não reduzir as obras aqui tratadas a um ou outro tipo, na medida em que estas têm um caráter bastante heterogêneo e algumas delas participam de mais de tipo.

A primeira deste conjunto de publicações – *Les courants historiques en France: XIX^e - XX^e siècle* – é constituída exclusivamente de textos dos próprios organizadores: dividida em seis capítulos, cada autor assina dois deles. Esta é a obra que se insere mais objetivamente numa “tradição” de história da historiografia, ainda que com algumas peculiaridades, como veremos. Dentre os

⁴ As obras apresentadas não estão organizadas segundo a ordem cronológica de publicação. Para tanto, remeter à nota nº 1, p. 1.

sete volumes abordados, este é o único que já conta com uma tradução para língua portuguesa, lançada em 2012, fruto da colaboração da Editora FGV e da Fundação Editora da UNESP. Deve-se notar que na edição francesa de 2007 da editora Gallimard (coleção *Folio Histoire*) a autoria dos capítulos é creditada, cada qual, ao seu autor: Patrick Garcia assina os capítulos 1 e 2; Christian Delacroix, capítulos 3 e 6; François Dosse, capítulos 4 e 5. A edição brasileira, traduzida a partir de uma edição de 2005 da editora *Armand Colin*, não apresenta as autorias de forma separada. Esta observação não é de menor importância: as diferenças entre os estilos de escrita; definição do conteúdo privilegiado em cada uma das fases e; principalmente, a seleção de textos mobilizados para fundamentar ou ilustrar cada parte da obra está diretamente ligada a autoria. A forma como cada autor constitui diferentemente o quadro dialógico de determinado período é fundamental, em especial para a história da historiografia, posto que esta lida sobretudo com as relações estabelecidas entre textos historiográficos inseridos em determinada conjuntura *social* (no sentido lato).

Les courants historiques en France: XIX^e - XX^e siècle ressoa um “modelo” de história da historiografia que cobre grandes períodos e atribui maior importância aos movimentos de conjunto e menos aos empreendimentos individuais. Essa característica faz jus ao título da obra e a alinha, portanto, a livros como o de Guy Bourdè e Hervé Martin *Les Écoles Historiques*, trabalho publicado em 1983, e “ainda” um clássico da história da historiografia francesa. É necessário, todavia, ressaltar que a história da historiografia francesa contemporânea segue uma linha um tanto distinta. Pode-se notar que, em geral, os temas são bem mais atomizados, as iniciativas individuais mais valorizadas. O afastamento em relação aos grandes paradigmas explicativos da história consagrados ao longo do século XX se faz notar de forma exemplar nesse campo específico da história. À título de exemplo, temos as obras *L'Histoire et le métier d'historien en France 1945-1995* (1995) e *Les historiens français à l'œuvre 1995-2010* (2010). A primeira, dirigida por François Bédarida, foi lançada por ocasião do *Congrès international des sciences historiques*

de 1995. Trata-se de uma leitura das propostas historiográficas da segunda metade do século XX, focada nas realizações práticas dos historiadores e, em sentido complementar, na defesa do campo historiográfico francês frente ao *linguistic turn*. O prefácio de Jaques Le Goff e Nicolas Roussellier termina com uma seção intitulada “*La ‘crise’?*” e deixa claro que as ciências sociais em geral, incluindo a história, passam por um momento de transformação; todavia, aplicar o conceito de crise, segundo esses autores, “é em boa parte uma questão de olhar e de humor” (LE GOFF, J.; ROUSSELLIER, N., 1995, p. 17, trad. nossa).

A segunda obra, *Les historiens français à l’œuvre 1995-2010*, sob a direção de Jean-François Sirinelle, Pascal Cauchy e Claude Gauvard é genuinamente uma “continuidade” da primeira, quinze anos depois. Os autores destas últimas obras as colocam sob a rubrica de um “balanço”. Trata-se de um esforço no sentido de elaborar o estado da historiografia contemporânea e de apresentar as inovações das últimas décadas. Podemos acrescentar outros títulos a este movimento – mas que fique claro, com características bastante diversas – orientados pela mesma tendência de balanço, como: *L’histoire aujourd’hui* (1999), obra coordenada por Jean-Claude Ruano-Borbalan; *Passés Recomposés: Champs et chantiers de l’histoire* (1995), organizada por Dominique Julia e Jean Boutier, entre outras.⁵

Nota-se, portanto, que sob uma mesma égide de *historiografia* temos diversas vertentes. Esta afirmação, com ares de truísmo, serve para marcar a simples diferença entre: 1) um debate historiográfico pautado pela característica diacrônica do objeto, o qual se encaixa no modelo semântico de história da historiografia, como em *Les courants historiques en France* e *Les Écoles Historiques*; e, 2) uma historiografia de *balanço*, cujo foco se concentra mais em elementos temáticos que na perspectiva diacrônica, como nas obras citadas nos dois parágrafos anteriores. Ressaltamos, contudo, que nem por isso estas obras perdem

⁵ Não pretendemos aqui uma lista exaustiva de obras com estas características. Os trabalhos citados servem apenas como exemplos entre vários outros. Pode-se, no entanto, questionar a ausência de *Sur la “crise” de l’histoire* nesse conjunto. Esta ausência é justificada, visto que consideramos a obra de Gérard Noiriel como portadora de características bastante distintas das que enumeramos, seja em função de se tratar de uma obra de autoria individual e não uma coletânea, seja em função da ênfase crítica e polêmica da obra que “dispara”, de forma aguerrida, em várias direções.

sua característica propriamente histórica, muito antes, pelo contrário: este segundo tipo é, aliás, a tendência dominante dos debates historiográficos na atualidade. Enquanto o primeiro tipo procede por meio de uma leitura histórica da história, diacrônica, mas que também estabelece interfaces com uma leitura sociológica, o segundo privilegia uma abordagem mais marcadamente sociológica e, de certa forma, sincrônica. Apesar de não se tratar de uma tendência dominante, deve-se citar também o aumento progressivo dos debates cuja ênfase se situa nas propriedades epistemológicas e teóricas da história; ou ainda, da “história filosófica da história”, como nomeia Krzysztof Pomian (1984, p. XIV). A aproximação entre história e filosofia gerada por estes tipos de abordagem é bastante complicada e, por vezes inexistente, em especial na historiografia francesa. Cabe advertir que não se trata aqui de uma tentativa de marcar uma separação entre método, teoria, epistemologia, ontognoseologia, e por aí afora, e sim de uma separação bastante mais prática e de fácil detecção no campo da historiografia.

Outro elemento de divergência entre estes dois modelos é a forma de conceber os grupos de trabalho. Em *Les courants historiques en France* e *Les Écoles Historiques*, como os próprios títulos já indicam, o conteúdo dos trabalhos está dividido conforme as “escolas” ou “correntes”. Expressões como “história erudita”, “momento historiográfico do romantismo”, “escola metódica”, “escola dos *Annales*”, “história nova”, “historiografia marxista”, “história estrutural”, entre outras, são recorrentes, principalmente na obra de Bourdieu e Martin, mas também, ainda que comportando relativizações explicativas, na obra *Les courants historiques en France*. Numa abordagem diferente, o modelo predominante da historiografia francesa contemporânea aborda a questão da identidade profissional do historiador numa perspectiva mais ampla, em nível nacional, caracterizada pela pergunta “existe uma escola histórica francesa?” e, ao mesmo tempo, em sentido inverso, mais atomizada, individualizada, rejeitando filiações a esta ou àquela escola histórica. Coloca-se a questão nos seguintes termos: se existe uma crise de

hegemonia dos *Annales* ou de qualquer outra “escola” histórica, ao menos resta uma identidade historiográfica nacional? O parágrafo que abre a obra *Les historiens français à l'œuvre 1995-2010* é, nesse sentido, especialmente ilustrativo:

Existe uma escola histórica francesa? Responder afirmativamente seria temerário: a multiplicidade de especialidades e sensibilidades historiográficas, combinadas com a diversidade geracional, induz necessariamente a um ambiente profissional plural. Ao mesmo tempo, este ambiente profissional não é redutível a uma imagem distorcida que o considera como unido por um sentimento de pertencimento profundamente interiorizado. Há, com efeito, uma comunidade de historiadores franceses unidos não somente por uma língua comum, mas também por uma formação intelectual bastante homogênea, regras comuns de produção de evidências⁶ e, sobretudo, a ideia de que, na encruzilhada desses diferentes legados, há um lugar comum. (SIRINELLI, J. 2010, p. 7, tradução nossa).

Podemos, portanto, afirmar que a obra *Les courants historiques en France* destoa das demais publicações do período. Contudo, as publicações coletivas de Delacroix, Dosse e Garcia têm características bastante variadas, para além da história da historiografia, entre elas, um dicionário, uma antologia e outras três mais centradas em debates teóricos.

O livro *Histoire et Historiens en France depuis 1945* é uma antologia de textos considerados pelos autores como os mais representativos da historiografia francesa da segunda metade do século XX. São ao todo cinquenta e oito fragmentos de textos divididos em três blocos: 1) *L'affirmation et le triomphe de l'histoire économique et sociale “à la française” (1945 – fin des années 1960)*, 2) *La “nouvelle histoire”* e 3) *L'histoire entre doutes et renouvellements (les années 1980-1990)*. Cada um dos blocos é antecedido por uma introdução ao momento abordado. Patrick Garcia, François Dosse e Christian Delacroix, respectivamente, apresentam cada um dos três movimentos.

Há que se notar que esta é uma publicação do *Ministère des Affaires Étrangères*, sob a rubrica da *association pour la diffusion de la pensée française*, a qual tem como objetivo o público estrangeiro. Possivelmente em função disso, a introdução geral à obra, intitulada *L'historiographie française, une mise en*

⁶ [des règles communes d'administration de la preuve]

perspective, tem um aspecto bastante singular se comparada a outros textos dos mesmos autores: apresenta os desenvolvimentos da historiografia francesa ao longo do século XX atrelados à “construção de um imaginário nacional” (DELACROIX, DOSSE, GARCIA, 2003, p. 9). Consideramos que essa referência política ao tratar do debate acerca da história da historiografia, apesar de perpassar os textos destes autores, não é, definitivamente, a principal contribuição de seus trabalhos.

Outro elemento característico da obra é a tendência *annaliste* preponderante na seleção dos textos que constituem a antologia. À título de exemplo, a primeira parte da antologia conta com dezoito fragmentos de textos, dos quais onze são de autoria do quarteto nuclear das primeiras fases dos *Annales* (Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Ernest Larousse). Essa tendência se perpetua nos outros dois blocos da obra, a ponto do segundo levar o significativo título de *nouvelle histoire*. Pode-se argumentar, com toda razão, que os *Annales* mantiveram uma “hegemonia” do fazer história no período em questão. De fato, a constituição de uma antologia desse tipo que desconsiderasse ou não centralizasse os *Annales* seria infiel à historiografia francesa do período. Todavia, de forma sinérgica e não intencional, esta característica da obra colabora para reforçar a identificação de uma *crise de hegemonia dos Annales* com uma *crise da historiografia francesa* como todo. Mesmo que se considerem os efeitos do *linguistic turn* ou a onipresença da memória, principalmente nas últimas três décadas do século XX, existe uma propensão, ainda que em estado latente, de caracterizar a chamada *crise da história* mais pelas críticas ao modelo de história dos *Annales* do que àqueles, ou ainda a outros fatores. Considerando que o texto se dirige ao público de fora da França, a antologia reforça a ideia equivocada de que a historiografia francesa é a historiografia dos *Annales*.

Outra obra, *Historiographies: Concepts et débats* (2 volumes) é um dicionário de grandes dimensões. É constituído por 125 verbetes, 81 autores mais um revisor geral (Jean Leduc) e 1325 páginas! Os verbetes estão divididos em três

partes: “fontes, domínios, métodos”, com 63 entradas; “noções, conceitos”, com 30 entradas; e “questões e debates”, 32 entradas. A questão que orienta a publicação desse dicionário, segundo os autores, é o aumento progressivo do passado no espaço público, especialmente nos últimos trinta anos. Todavia, pode-se argumentar que esta presença do passado está mais ligada à atual tirania da memória que aos usos que a história faz do passado. Nesse sentido, uma dupla função se impõe: apresentar a história como “disciplina que produz conhecimentos, mas também como aquela que coloca em perspectiva os usos contemporâneos do passado” para, dessa forma, abarcar também os usos da memória (DELACROIX; DOSSE; GARCIA; OFFENSTADT, 2010, p. 13, tradução nossa).

Além de Delacroix, Dosse e Garcia, a obra tem um quarto diretor: Nicolas Offenstadt. Mestre de conferências na universidade Paris I Panthéon-Sorbonne e pesquisador do *Laboratoire de médiévistique occidentale de Paris*, Offenstadt tem publicado outras obras na linha dos estudos historiográficos, como o livro introdutório *L’Historiographie*, da coleção *Que sais-je?*, o qual teve sua primeira edição em outubro de 2011 e, significativamente, uma segunda tiragem apenas um mês depois⁷. Além deste, Offenstadt publicou, em 2004, pela na coleção *Les mots de la Presses Universitaires du Mirail*, um outro dicionário, de dimensões bem mais modestas, intitulado *Les mots de l’historien*. A familiaridade com este tipo de publicação certamente contou a favor de Offenstadt.

Um dos elementos notáveis do dicionário *Historiographies* é a capacidade dos diretores de congregar alguns dos principais especialistas das mais diversas áreas da historiografia em um projeto comum. À título de exemplo, podemos citar: Arlete Farge, François Hartog, Gérard Noiriel, Robert Paxton, Antoine Prost, Jacques Revel, Stéphane Van Damme, Eric Weitz e Hayden White. Por outro lado,

⁷ A coleção *Que sais-je?*, da *Presses Universitaires de France*, foi criada em 1941. Conta hoje com milhares de obras introdutórias publicadas e é traduzida para dezenas de línguas. Em 1981, Charles-Olivier Carbonell já havia publicado, na mesma coleção, uma obra intitulada *L’Historiographie*, a qual foi republicada em 2002. Em função disso, o livro de Offenstadt está mais centrado em questões da historiografia contemporânea, debates desenvolvidos a partir da década de 1980, ainda que remeta, vez ou outra, à temas mais afastados no tempo.

nota-se também algumas ausências significativas, como as de: Jean-François Sirinelli, Pierre Nora, Roger Chartier e Krzysztof Pomian. Um segundo ponto chave do dicionário, inclusive derivado desse anterior, é o pluralismo de perspectivas que caracteriza a obra. Os diretores apresentam a questão da seguinte forma:

[...] este livro não é de uma escola, ele admite o pluralismo interpretativo que se impõe na historiografia francesa ao longo dos três últimos decênios e o leitor atento poderá ver em certos atos as clivagens que percorrem, às vezes de forma discreta, às vezes de forma assertiva e pública, a comunidade dos historiadores. (DELACROIX; DOSSE; GARCIA; OFFENSTADT, 2010, p. 13, tradução nossa).

Este “pluralismo interpretativo” fica bastante evidente ao longo da obra: os organizadores prezam por certa isenção na apresentação dos temas, tanto na introdução quanto nos verbetes por eles assinados. Não há uma pré-interpretação, no sentido de estratégia retórica, na defesa de determinada perspectiva de apropriação dos conceitos e debates apresentados. O pressuposto hermenêutico que deposita no leitor a responsabilidade de refigurar o texto é levado a cabo. Todavia, autores que assinam outros verbetes assumem uma postura mais implicada (ver, por exemplo, o verbete *Représentations et pratiques*, de Dominique Kalifa e *Histoire du corps*, de Pascal Ory, entre outros).

Cabe ressaltar que esta característica hermenêutica do dicionário, como os três livros que abordaremos na sequência, têm a marca que buscamos destacar das obras coletivas destes autores.

Outras três obras – *Michel de Certeau: Les chemins d’histoire*, *Paul Ricœur et les sciences humaines* e *Historicités* – têm um caráter bastante mais teórico. Versando sobre as contribuições de dois autores centrais para debates historiográficos na contemporaneidade e sobre o conceito de historicidade, também central, estas três obras são duplamente representativas: 1) por evidenciarem a asserção de tendência teórica dos debates estabelecidos pelo grupo e, 2) por configurarem – a partir de um amálgama das propostas de Certeau, Ricœur e do conceito de historicidade – o referencial teórico mobilizado pelos

autores para produzir uma epistemologia da história. Daremos especial ênfase a estes livros na seção seguinte.

Os referenciais teóricos

Todas as obras mobilizadas até agora para estabelecer o campo de debate acerca da historiografia francesa participam de um movimento maior. As interfaces e os limites entre história e memória; o caráter narrativo de toda escrita histórica; a crise dos modelos explicativos consagrados ao longo do século XX; a perspectiva presentista característica da contemporaneidade; o aumento progressivo dos debates acerca do passado e dos usos políticos e ideológicos que se faz dele em âmbito público; o processo de assimilação do infausto século XX; enfim, são muitas as tarefas de reconstrução face às quais a história se encontra. Cabe refletir (e este é o movimento maior anteriormente referido) sobre a forma como os historiadores estão rearticulando seus referenciais teóricos para lidar com este momento pelo qual passa as ciências humanas e sociais, aqui com ênfase nas produções coletivas no centro de nosso debate.

Os diversos campos do saber histórico têm seus referenciais teóricos, quadros conceituais, e procedimentos privilegiados (não exclusivos, apenas privilegiados). A variação de perspectivas dentro de uma mesma linha historiográfica é enorme, mas pode-se identificar o uso de determinados conceitos à área na qual eles são prevaletentes. Nesse sentido temos, apenas à título de exemplo: culturas políticas, poder, ideologia; revoluções científicas, estilo de pensamento, teoria ator-rede; capital, classe, mercadoria; representações, mentalidades, imaginário; e por aí afora. Não pretendemos reduzir as áreas de trabalhos a alguns conceitos, ou mesmo afirmar que estes estão invariavelmente presentes em toda produção de cada campo da historiografia. Apresentamo-los apenas para marcar a questão: quais são os referenciais teóricos, métodos e conceitos privilegiados do campo específico da *história da historiografia*? De forma

diacrônica, o caminho para responder a esta pergunta nos guiaria até Benedetto Croce, quiçá além. Mas ao fim não podemos discernir um quadro conceitual hegemônico. O que caracteriza procedimental e teoricamente a história da historiografia é o pluralismo.

Vamos aqui nos focar no referencial teórico mobilizado por Delacroix, Dosse e Garcia. Deve-se notar que apesar de congregarem três das principais tendências da historiografia contemporânea, este é apenas mais um caminho entre vários outros possíveis para a condução de uma pesquisa historiográfica. Junção de três referenciais distintos, este se encontra em todas as obras de organização coletiva dos autores supracitados, caracterizando a atomização deste grupo de historiadores em face de outras pesquisas do tipo. Consideramos que se trata da junção 1) dos procedimentos da operação historiográfica, 2) da abordagem a partir do pluralismo interpretativo e, 3) do conceito de regimes de historicidade. Não por acaso, três dos sete volumes aqui analisados se dedicam exclusivamente a estes debates. É o amálgama das contribuições de Michel de Certeau, Paul Ricoeur e François Hartog que forma o referencial teórico para a história da historiografia tal como efetuada por Delacroix, Dosse e Garcia. Não há dúvida de que, por exemplo, o conceito de regimes de historicidade é constituído por uma ampla polifonia e pela colaboração das reflexões de vários autores como Gérard Lenclud, Marshal Sahlins e Reinhart Koselleck. A mesma polifonia se pode reclamar dos outros dois referenciais. A identificação com de Certeau, Ricoeur e Hartog se dá em função da sistematização realizada por eles da operação historiográfica, do pluralismo interpretativo e dos regimes de historicidade, respectivamente.

No ano de 2002, François Dosse publicou uma obra intitulada *Michel de Certeau: le marcheur blessé*, uma biografia intelectual de de Certeau, na qual busca estabelecer as relações entre a obra historiográfica, o papel da religião, elementos do pensamento psicanalítico e os posicionamentos políticos de Certeau. Já a obra *Michel de Certeau: Les chemis d'histoire*, a qual faz parte dos textos no centro de nosso debate, se insere, por um lado, numa linha de história dos intelectuais, e por

outro, faz uma leitura programática da obra de de Certeau. Divido em três partes: “um historiador singular”, “epistemologia” e “práticas”, este livro conta com a contribuição de quinze autores e é resultado dos debates estabelecidos em um seminário realizado no IHTP e na Universidade Saint-Quentin-en-Yvelines entre 1998 e 2000, cujo objetivo era debater sobre “[...] a pertinência, na escrita da história do tempo presente, de um certo número de noções e conceitos utilizados pelos historiadores” (DELACROIX, DOSSE, GARCIA, TREBITSCH, 2002, p. 15, tradução nossa).

O grande orientador do debate estabelecido neste livro é o texto *A operação historiográfica*, publicado em 1974, na coleção *Faire de l'histoire*, dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora e, em 1975, após alguns ajustes, na obra *A escrita da história*. Praticamente quarenta anos depois, este texto está ainda presente em quase todos os cursos de historiografia e teoria da história. A divisão triádica de de Certeau já é bastante conhecida entre os historiadores, mas segundo Delacroix, Dosse, Garcia e Trebitsch⁸, ainda pouco colocada à prova:

Sua proposta de analisar a operação histórica como ‘a combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escritura’, notadamente, constitui um programa de pesquisa para a historicização da disciplina histórica que mantém a sua pertinência e que é ainda muito incompletamente colocada à prova de pesquisas empíricas. A reflexão renovada dos historiadores sobre a escrita da história, que se convencionou chamar um pouco rapidamente de ‘retorno à narrativa’, e as interrogações sobre os recursos cognitivos da narração, assim como o interesse renovado pela noção de prova em história, ou ainda, os desenvolvimentos de uma sociologia histórica da disciplina são tanto pesquisas em ressonância com estas três características da operação historiográfica quanto de Certeau propôs entrecruzar para explicar mais de perto o que é ‘fazer história’. (DELACROIX, DOSSE, GARCIA, TREBITSCH, 2002, p. 15-16, tradução nossa).

Certeau repetiu diversas vezes que “[...] uma prática sem teoria desemboca necessariamente, mais dia menos dia, no dogmatismo de ‘valores eternos’ ou na apologia de um ‘intemporal’ [...]” (CERTEAU, 2006, P. 66). Os diretores de *Michel de Certeau: Les chemis d'histoire* recuperam, nesse sentido, as propostas da operação

⁸ Michel Trebitsch (1948-2004) dirigiu, junto com Delacroix, Dosse e Garcia, a obra *Michel de Certeau: Les chemis d'histoire*. Foi pesquisador do IHTP e dirigiu a maior parte de sua obra à história dos intelectuais e ao estudo dos métodos da história biográfica.

historiográfica como norteadoras procedimentais de uma leitura da história da historiografia. Podemos dizer que, em certa medida, de Certeau estabelece algumas das questões centrais do campo de debates da produção historiográfica francesa a partir da década de 1970, conjuntamente com outras publicações que marcaram este período de transição do fim dos anos 1960 e primeira metade da década de 1970. Trata-se, em especial, da publicação das obras de Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber* (1969); de Paul Veyne *Como se escreve a História* (1971); de Jacques Le Goff e Pierre Nora, a trilogia *Faire de l'histoire: novos problemas; novas abordagens; novos objetos* ([1974], considerado aqui como um único grande projeto, apesar dos três volumes); e Michel de Certeau, *A escrita da História* (1975). O sobrelevar destas quatro obras não é casual: podemos reconhecer aí o estabelecimento de uma nova fase do debate dos historiadores franceses sobre o próprio ofício. No intervalo de seis anos (1969-1975), publicaram-se algumas das obras que caracterizam exemplarmente, inclusive até hoje, a historiografia francesa.⁹ Esta fase de transição é bastante sublinhada pelos autores que participam da obra coletiva *Michel de Certeau: Les chemis d'histoire*.

Ainda neste livro estão colocadas questões como: a relação entre a obra de Michel de Certeau e a de Paul Ricœur; o conflituoso debate acerca do estatuto da história entre ciência e ficção; a forma de recepção da obra de de Certeau entre os historiadores, recepção esta que é bastante mais tensa do que a popularidade de sua obra pode fazer crer; além do recorrente argumento colocado por de Certeau acerca da necessidade do historiador em debater seu próprio ofício, posto que este é um dos elementos legitimadores da própria obra. No centro do debate está o texto de Hervé Martin *À propos de "L'opération historiographique"*. É, ao fim, esta a preocupação principal dos autores. Para além dos debates estabelecidos nesta obra, a operação historiográfica como procedimento para a reflexão do fazer histórico está presente em todas as obras organizadas pelos autores no centro de

⁹ Ainda neste intervalo poderíamos acrescentar, em 1973, a obra de Hyden White *Meta-história*, que, apesar de não ter sido produzida na França, causou grande *agitação*, se nos permitem o eufemismo, entre os historiadores franceses.

nosso debate. Dos três referenciais mobilizados por Delacroix, Dosse e Garcia, este é possivelmente o mais familiar para a comunidade dos historiadores.

Um segundo referencial é a obra de Paul Ricoeur. Seu trabalho é atualmente bastante lido, nas mais diversas áreas do conhecimento. Sua perspectiva reconciliadora – que, na maior parte do tempo, busca integrar discursos científicos e filosóficos diversos sem opô-los, mas revelando liames entre autores, categorias e conceitos à primeira vista excludentes – torna o trabalho de Paul Ricoeur, segundo os três autores no centro de nosso debate, uma alternativa ao esvaziamento de sentido pós-moderno. Este é um elemento central da apropriação de sua obra por Delacroix, Dosse e Garcia: o papel desempenhado pelo pluralismo interpretativo, num momento de tensões das ciências humanas e sociais. Além deste, também o não alinhamento aprisionante de Ricoeur apresenta-se como uma lição de método a ser reproduzida. Isso não implica, contudo, que não exista um engajamento pessoal em sua obra, mas antes que não há uma aplicação mecanicista e reducionista de um único modelo explicativo. Vale ressaltar também que Ricoeur é considerado como um filósofo que se dedica, de fato, à leitura das obras dos historiadores em especial, mas também das produções de outras ciências sociais vizinhas. Nesse sentido, a obra *Paul Ricoeur et les sciences humaines* caracteriza-se por “[...] mostrar à que ponto seu pensamento é atual diante de um certo número de pesquisadores das ciências humanas com suas obras.” (DELACROIX, DOSSE, GARCIA, 2007, p. 7-8, tradução nossa).

Outra característica bastante relevante do pensamento do filósofo é o de pensar conjuntamente “o mesmo e o outro, o universal e o singular, o tempo cosmológico e o íntimo, a narrativa e o referente” (DELACROIX, DOSSE, GARCIA, 2007, p. 8-9, tradução nossa). Este movimento é central para a filosofia crítica de Ricoeur posto que cria aporias que dão continuidade ao processo de questionamento e mantém a abertura à interpretação, ao invés de produzir sínteses de fechamento. Este procedimento guiado pela abertura aporética possibilita colocar no centro do debate as tensões e as medições imperfeitas. Não

há dúvida que esta via de medição é bastante proveitosa para o estudo historiográfico, na medida em que permite considerar as diferentes correntes e “tipos” historiográficos em seus liames, e não a partir de considerações de valor explicativo ou de filiação; trata-se de uma das contribuições mais interessantes do pluralismo interpretativo ricoeuriano, enquanto procedimento, para a historiografia.

François Dosse em especial, mas também vários outros autores que dirigem seus estudos para a epistemologia compartilham a ideia que as ciências humanas e sociais experimentam atualmente uma “virada hermenêutica”. Esta forma relativamente nova de se considerar as transformações das humanidades, por meio dos “giros”, “viradas” ou “guinadas” (variando conforme a tradução de *tournant*) tem, pelo menos, quarenta anos de história, desde a “virada linguística” da década de 1970, passando pela “virada crítica” dos *Annales* no fim da década de 1980. Segundo Jean-Claude Ruano-Borbalan,

a implicação da subjetividade do historiador, a ênfase crescente concedida nos modos de escrita, na narrativa, à argumentação, seriam sintomas do que certos historiadores qualificam como “viragem hermenêutica” (interpretação de textos) dos anos 90 (1999, p. 277).

É nesse sentido que Delacroix, Dosse e Garcia apresentam Paul Ricoeur como norteador para esta nova fase das ciências humanas e sociais:

Conseguindo superar as resistências disciplinares, Ricoeur contribuiu largamente para a realização da reorientação interpretativa geral pela qual passam as ciências humanas. Esta abertura para um novo espaço dialógico assegura uma verdadeira humanização das ciências humanas tornando possível, para além de problemas metodológicos, o questionamento recente mesmo sobre o enigma jamais resolvido do “*être-ensemble*”, do vínculo social, sacrificado até agora em favor da determinação holística das grandes causalidades econômicas ou de Estado, ou em nome da simples maximização do interesse individual e, portanto, de um utilitarismo generalizado. (DELACROIX, DOSSE, GARCIA, 2007, p. 11, tradução nossa)

Vale ressaltar que o arco hermenêutico das três mimesis apresentado por Ricoeur no primeiro volume de *Tempo e Narrativa* se aplica exemplarmente ao campo da história da historiografia. Delacroix, Dosse e Garcia revelam o valor heurístico do arco mimético, principalmente em *Les courants historiques en France*:

XIXe-XXe siècle: a primeira mimese enquanto objeto da função referencial das obras históricas; as obras históricas propriamente ditas como segunda etapa do arco; e a avaliação da recepção, impacto e abrangência das obras na corporação dos historiadores como terceiro e decisivo estágio do arco mimético. Dessa forma podemos notar como a filosofia ricoeuriana é a norteadora da história da historiografia tal qual praticada pelos três autores em questão.

Estas são as principais apropriações da obra de Ricoeur por parte dos autores anteriormente citados. Isso não implica, contudo, que são apenas estas as contribuições do pensamento deste filósofo para a historiografia. Buscamos ressaltar o aspecto central do debate, já que este é o elemento de destaque entre a operação historiográfica, o pluralismo interpretativo e o conceito de regimes de historicidade¹⁰.

Além dos dois referências anteriormente tratados, as publicações coletivas de Delacroix, Dosse e Garcia ainda têm outro referencial teórico comum: o conceito de regime de historicidade. Conhecido entre os historiadores principalmente a partir da publicação de François Hartog *Régimes d'historicité: Présentisme et expériences du temps* (2003), este conceito tem uma história já de trinta anos. Utilizado por Hartog desde 1983, é constituído por uma fusão de referenciais. Por um lado, temos as reflexões sobre o tempo histórico de Reinhart Koselleck e Paul Ricoeur, em especial os debates acerca dos “espaços de experiência” e dos “horizontes de expectativa”, além da hermenêutica da consciência histórica ricoeuriana; por outro, uma base antropológica – especialmente no que diz respeito ao caráter presentista do atual regime de historicidade – derivada dos debates estabelecidos por Marshal Sahlins, Bruno Latour e Gérard Lenclud, este último que, inclusive, desempenha um papel de *co-fundador*, por assim dizer, deste conceito. Além destes, as questões acerca das relações entre memória e história,

¹⁰ François Dosse, numa via apenas sutilmente distinta da apresentada em *Paul Ricoeur et les sciences humaines*, buscou estabelecer as interfaces entre a obra de Ricoeur e Certeau em um livro publicado um ano antes, em 2006, intitulado *Paul Ricoeur et Michel de Certeau: L'histoire entre le dire et le faire*. Nota-se, porém, que a obra coletiva *Paul Ricoeur et les sciences humaines* compreende, por vezes, uma abordagem mais crítica e que também apresenta os limites, principalmente da filosofia crítica de Ricoeur, para a historiografia, característica bastante menos marcante no livro de autoria individual de Dosse.

principalmente a partir da obra de Pierre Nora, constituem um terceiro apoio ao tripé deste conceito.

Segundo Hartog, o regime de historicidade se caracteriza da seguinte maneira:

[...] a hipótese de regime de historicidade deveria permitir a implantação de um questionamento historiador sobre nossa relação com o tempo. Historiador, na medida em que age sobre vários tempos, instaurando um vai-e-vem entre o presente e o passado, ou melhor, os passados, eventualmente muito distantes, tanto no tempo como no espaço. Este movimento é a sua única especificidade. Com base em diversas experiências do tempo, o regime de historicidade será um instrumento heurístico, ajudando a entender melhor não o tempo, todos os tempos, ou a totalidade do tempo, mas principalmente os momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vem, justamente, a perder sua evidência nas articulações do passado, do presente e do futuro.

[...]

Os tempos históricos, se seguirmos Reinhart Koselleck, são produzidos pela distância criada entre o espaço de experiência, por um lado, e o horizonte de expectativa, por outro: é gerado pela tensão entre os dois. É esta tensão que o regime de historicidade se propõe a esclarecer, é sobre essa distância que versam estas páginas. Mais precisamente, sobre os tipos de distância e os modos de tensão. (HARTOG, 2003, p.38-39, tradução nossa)

Na obra *Historicités*, este conceito é abordado de diferentes maneiras, numa leitura interdisciplinar. Segundo os organizadores, na atualidade as ciências humanas concedem, em geral, um espaço progressivamente crescente aos aspectos temporais de suas pesquisas. Partindo desta hipótese, o conceito de regime de historicidade é o elemento que caracterizaria a modalidade propriamente histórica desse movimento. Para além da abstração Tempo, o regime de historicidade concede ao historiador um espaço de destaque na atual conjuntura das ciências humanas, na medida em que este profissional de história é, numa perspectiva um tanto imperialista, o principal operador da dimensão temporal das pesquisas no campo das humanidades.

A forma como o regime de historicidade é tratado na obra *Historicités* passa tanto por aspectos de elaboração teórica quanto de usos empíricos do conceito. Essa leitura articulada permite pensar a aplicação deste de forma dupla: por um lado como expediente para a prática do ofício de historiador; por outro como meio

para constituir um debate teórico sobre a história vinculado de perto ao contexto e à relação que se estabelece com o tempo e, portanto, com a história, no momento em que esta se torna objeto. É nesse segundo sentido que Delacroix, Dosse e Garcia se apropriam do regime de historicidade como referencial para suas obras de organização coletiva.

Assim, sob a condução da *hermenêutica* ricoeuriana, somada à tríade da *operação historiográfica* e ao conceito de *regimes de historicidade*, Delacroix, Dosse e Garcia definem uma fundamentação teórica original para a condução de trabalhos acerca da história da historiografia, a qual tem apresentado seu valor heurístico, visível na qualidade das publicações organizadas pelo grupo.

Para além dos três referenciais teóricos que tratamos anteriormente, um quarto elemento faz parte também de todas as publicações do grupo. De forma diferente dos anteriores, não se trata de um conceito ou um procedimento analítico: o elemento legitimador comum a todas as obras é o argumento de que a pesquisa histórica volta-se cada vez mais para a historiografia enquanto objeto. Esta é a justificativa por trás de todas estas publicações. Nota-se nos trabalhos destes autores uma necessidade de ressaltar a importância deste movimento e de afirmar a legitimidade da produção historiográfica que não é elaborada nos arquivos, mas uma produção que reflete sobre como o historiador produz história. É uma forma de mostrar a relevância da reflexão do historiador epistemólogo como constituinte do saber histórico, desempenhando uma função diferente, mas tão relevante quanto à do historiador artesão. Esta história em segundo grau, todavia, exige do historiador uma nova postura teórica, tal como buscamos demonstrar.

Referências Bibliográficas:

BÉDARIDA, François (org). *L'Histoire et le métier d'historien en France 1945-1995*. Com a colaboração de Maurice Aymard, Yves-Marie Bercé e Jean-François Sirinelli. Prefácio de Jacques Le Goff e Nicolas Roussellier. Paris : Éd. De la Maison des sciences de l'homme, 1995.

BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir. *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo : Contexto, 2006. p. 27- 64.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Lisboa : Europa-América, 1983.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (orgs). *Passés Recomposés: Champs et chantiers de l'histoire*. Paris : Autrement, 1995.

CARBONELL, Charles Olivier. *L'Historiographie*. Paris : PUF, 2002. (Coleção *Que sais-je?*)

CAUCHY, Pascal; GAUVARD, Claude; SIRINELLI, Jean-François (dir). *Les historiens français à l'oeuvre, 1995-2010*. Paris : PUF, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. rev. tec. Arno Vogel. 2ª ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2012.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas. *Historiographies: concepts et débats I*. Paris : Gallimard, 2010.

_____. *Historiographies: concepts et débats II*. Paris : Gallimard, 2010.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Historicités*. Paris : Éditions La Découverte, 2009.

_____. *Paul Ricoeur et les sciences humaines*. Paris : Éditions La Découverte, 2007.

_____. *Histoire et historiens en France depuis 1945*. Paris : Adpf/Ministère des Affaires étrangères, 2003.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; TREBITSCH, Michel. *Michel de Certeau: Les chemins d'histoire*. Bruxelles : Éditions Complexe, 2002.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Les courants historiques en France: XIXe-XXe siècle*. Paris: Armand Colin, 1999.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Tradução: Dulce Oliveira Amarante dos Santos; revisão técnica José Leonardo do Nascimento. Bauru : EDUSC, 2003.

_____. *Michel de Certeau: le marcheur blessé*. Paris : La Découverte, 2002.

_____. *Paul Ricoeur et Michel de Certeau: L'histoire entre le dire et le faire*. Paris: L'herne, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7^a ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2010.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2011.

_____. *Régimes d'historicité: Présentisme et expériences du temps*. Paris : Éditions du Seuil, 2012.

LE GOFF, Jacques; ROUSSELLIER, Nicolas. Préface. In: BÉDARIDA, François (org). *L'Histoire et le métier d'historien en France 1945-1995*. Paris : Éd. De la Maison des sciences de l'homme, 1995. p. 1-17.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir). *História: novos problemas*. Trad. Theo Santiago. 4^a ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995a.

_____. *História: novas abordagens*. Trad. Henrique Mesquita. 4^a ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995c.

_____. *História: novos objetos*. Trad. Terezinha Marinho. 4^a ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995b.

MALERBA, Jurandir. *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo : Contexto, 2006.

MALERBA, Jurandir; ROJAS, Carlos Aguirre (orgs). *Historiografia contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru : EDUSC, 2007.

MARTIN, Hervé. À propos de "L'opération historiographique". In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; TREBITSCH, Michel. *Michel de Certeau: Les chemins d'histoire*. Bruxelles : Éditions Complexe, 2002. p. 107-124.

NOIRIEL, Gérard. *Sur la crise de l'histoire*. Paris : Gallimard, 2005.

OFFENSTADT, Nicolas. *L'Historiographie*. Paris : PUF, 2011. (Coleção *Que sais-je?*)

_____. *Les mots de l'historien*. 2ª edição revista e corrigida. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2009.

POMIAN, Krzysztof. *L'ordre du temps*. Paris : Gallimard, 1984.

REIS, José Carlos. *Historia da "consciência histórica" ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RUANO-BORBALAN, Jean-Claude (dir). *L'histoire aujourd'hui: Nouveaux objets de recherche, courants et débats, le métiers d'historien*. Paris : Sciences Humaines, 1999.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed., reimpr. Brasília : UNB, 2008.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José Laurenio de Melo. 2ª ed. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1995.